

\* 3 JUL 1995

## Educação

**É** verdadeiramente deplo-  
rável a falta de  
compreensão que se  
revela em numerosas  
declarações de auto-  
ridades, de algum  
modo ligadas ao pro-  
blema de educação,  
acerca do que ela é,  
das interligações que  
mantêm com outros  
aspectos da proble-  
mática social e da  
amplitude que assu-  
miu o processo edu-  
cativo, entretanto  
alicerce indispensá-  
vel do verdadeiro  
progresso. Assim,

quando o tema é educação, como se ignorasse a maioria as novas realidades, e as novas influências sob as quais vivemos todos, nos dias atormentados deste final de século, as discussões costumam se restringir ao que diz respeito e pode ocorrer no âmbito da escola. Tal como se vivêssemos ainda em contexto social em que a instituição familiar tivesse as mesmas características e o mesmo peso relativo de passado bastante recente, e como se não fosse verdade o que Suzanne Langer, em trabalho apresentado à Associação Japonesa Pró-Filosofia da Ciência, em Nikko, no Japão, assinalou, ao dizer: "Em nossos dias, a produção científica, pelas modificações introduzidas nos



**Seremos nós  
intransigentes  
ou se perdeu  
o sentido real  
do processo  
educativo?**

meios práticos e nas técnicas de vida, acarretou mudanças em nossa civilização, que avançaram com impulso próprio e velocidade maior do que aquela *com que tem avançado o nosso pensamento*".

Por outro lado, um historiador do peso de Arnold Toynbee afirmou, em passagem dos seus diálogos com o professor Wakaizumi, da Universidade de Quioto, "não acreditar possível que os seres hu-

manos tenham vivido, ou possam viver sem religião", avaliando como "indispensável e urgente a reformulação das nossas idéias, *reformulação de cunho filosófico e religioso, acarretadora de uma mudança na ordem de prioridades no momento vigentes*". Cumpre esclarecer que o historiador citado não se caracterizou em vida por nenhum tipo de militância religiosa, ao menos de sentido confessional. E que tanto ele quanto a brilhante filósofa americana anteriormente mencionada referem ou registram realidade factual, para eles marcada pela presença de um desequilíbrio na atual civilização, com reflexos sobre a nossa subjetividade, perturbando-lhe a paz, difi-

cultando a conquista da felicidade, aspiração comum a todos os seres humanos.

De nossa parte, ao citá-los, fizemo-lo também em sentido factual, objetivando mostrar que não apenas este insignificante escriba recalcitra diante da superficialidade que lhe parece a marca de muitos dos que se abalançam a tratar de assuntos graves, em tantos casos, sem sequer lhes apreender o verdadeiro sentido, a importância, a profundidade e a abrangência que têm. Por exemplo, com respeito à educação, o mais frequente é a menção a instalações escolares, disponibilidade de vagas, evasão escolar, escola pública versus escola particular, mensalidades, salários dos professores, merenda escolar, todos, sem dúvida, pertinentes, mas relacionados ao funcionamento da rede escolar. Não, propriamente, ao sentido profundo da educação.

Em sua obra *The Cultural Contradictions of Capitalism*, diz Daniel Bell existirem, na sociedade, três reinos distintos, cada um orientado pelo próprio interesse. Seriam eles a estrutura técnico-econômica, a política e a cultural. Segundo Novak, autor insuspeito do ponto de vista liberal, referindo-se aos EUA, a situação especial dos meios de comunicação, sobretudo os eletrônicos, como a TV, que considera com "estupenda capacidade de

influir sobre as idéias da massa", "não funciona como uma janela debruçada sobre a realidade. Suas simpatias são, com frequência, manifestas". Ora, na atualidade, como falar de educação sem mencionar os golpes que vem sofrendo *o seu mais nobre e profundo instrumento, que é a família*, instituição agredida frequentemente da maneira mais desenvolta, desafortada, abjeta e ostensiva, em especial por intermédio de canais concedidos pelo poder público, na maioria dos casos explorados comercialmente, mas utilizados, para usar expressões usadas por Novak, "pelas esquerdas", mas na verdade, segundo pensamos, pela contracultura, que se atribui rótulos atraentes como "moderna", "avançada", entre outros? Rótulos que, aqui ou ali, em casos esporádicos, se justificam, mas, no geral, mascaram o que, realmente, está destruindo a civilização a que pertencemos. Como educar verdadeiramente as novas gerações, sem levar em conta nada disso? Seremos nós intransigentes ou, de fato, já se perdeu o sentido real do processo educativo, confundido com ensino e, ainda assim, com prioridade dada a aspectos que nem sempre a mereceriam?

■ Jorge Boaventura, professor universitário, jornalista e escritor, é conselheiro do comando da Escola Superior de Guerra